

## FAMÍLIAS DE CRIANÇAS E ESCOLA: RELAÇÕES EM FOCO

## SCHOOL CHILDREN AND FAMILIES: RELATIONSHIPS IN FOCUS

Letícia Casanova  
Valéria Silva Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo**

É esperado que as mães trabalhem e que elas devem se responsabilizar pelos cuidados dos filhos pequenos, e é neste conflito entre o trabalho e o filho que atualmente as famílias recorrem às creches. As famílias de baixa renda recorrem ainda aos serviços das creches pela impossibilidade de manter financeiramente seus bebês. As creches públicas servem alimentos e produtos de higiene sem ônus para as famílias. A relação família e creche e as produções sobre essa temática serão o foco deste artigo, que se propõe a apresentar as pesquisas que se dedicaram a este tema no período entre 2004 e 2009, publicadas nas bases de dados do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Scielo, Altavista, Lilacs e trabalhos apresentados na reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisadores em Educação (ANPED) e publicados no *homepage* no período. Nas pesquisas apresentadas foram utilizados instrumentos de coleta de dados que se limitam a entrevista semiestruturada e estudo de caso. Constataram-se, com menos frequência, outros instrumentos, como: vídeo, análise documental e questionário com perguntas abertas. Observa-se que todos os estudos tratam da relação família-escola como indispensável para o desenvolvimento, tanto da escola, quanto das famílias, mas principalmente das crianças. Um ponto se torna fundamental na análise e na reflexão ao que se refere à relação família e creche: o que a creche comunica aos pais? Como os pais veem a creche em seu âmbito educativo? O que eles de fato conhecem sobre a instituição? O que sabem que seus filhos fazem lá? E como sabem?

**Palavras chaves:** Família. Creche. Educação infantil.

**Abstract**

Mothers are expected to work and to be responsible for the care of their children. This conflict between the work and the child makes the families nowadays rely on nurseries. The low-income families even use the services provided by the nurseries due to the fact that they usually cannot afford paying for all that their babies need. The public centers serve food and hygiene products at no cost to families. The relation between family and nurseries, and the scientific productions on this topic will be the focus of this article, which aims at presenting the research that is devoted to this subject in the period between 2004 and 2009, published in the databases of the *Banco de Teses CAPES*, *SciELO*, *Altavista*, *Lilacs* and on papers presented at the annual meeting of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPED) and published on the respective homepage in the period. The instruments used to collect data were limited to semi-structured interview and case study. It was found less frequently other instruments, such as video, document analysis and questionnaire with open questions. It is observed that all the studies approach the family relationship as essential to the development of both the school and the families, but especially that of the children. One point becomes critical to the analysis and reflection as regards the relation between family and nursery: What does the nursery communicate to parents? How do parents see the nursery in their area of education? What do they really know about the institution? What do they know about their kids' activities there? And how do they get to know that?

**Keywords:** Family. Nursery. Early childhood education.

**INTRODUÇÃO**

A sociedade, fundamentada no capital, de uma forma geral, apresenta dificuldades em

relação ao que fazer com as crianças pequenas, sobretudo com os bebês. Essas crianças pequenas necessitam de atenção em período integral, o que implica um alto custo.

Socialmente já é esperado que as mães trabalhem e que elas devem se responsabilizar pelos cuidados dos filhos pequenos, e é neste

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela PUC/SP. Professora titular da Universidade do Vale do Itajaí.

conflito entre o trabalho e o filho que atualmente as famílias recorrem às creches. As famílias de baixa renda recorrem ainda aos serviços das creches pela impossibilidade de manter financeiramente seus bebês. As creches públicas servem alimentos e produtos de higiene sem ônus para as famílias.

Sobre isso, Sarmiento (2004, p. 3) reflete, “[...] com efeito, a institucionalização da infância no início da modernidade realizou-se na conjugação de vários factores”. Segundo ele, o mais decisivo foi a “a criação de instâncias públicas de socialização, especialmente por meio da institucionalização da escola pública e da sua expansão como escola de massas”.

De outro lado, temos as instâncias governamentais, que, praticamente, ignoram a faixa etária de 0 a 3 e pouco investem nesta modalidade educativa como política para infância e família. Ao contrário disso, contabilizam os gastos com as creches como *deficit* e não como investimento.

Os profissionais de creche vivem um conflito identitário entre a necessidade de cuidar e a obrigação de educar. Batista (2007 p. 03) explica:

O que se percebe, no cotidiano da educação infantil, é que existe, ainda, uma grande distância entre o que se pretende e o que se realiza, o que se “quer fazer” e o que se “pode fazer.” A implementação de uma proposta de caráter educacional-pedagógico que possibilite às crianças a vivência digna dos seus direitos e se contraponha ao caráter assistencialista, espontaneísta ou compensatório de educação, exige, além da vontade dos profissionais, o comprometimento político pedagógico da instituição, das agências formadoras, dos governantes e dos pesquisadores que contam hoje com um vasto campo de investigação ainda em aberto, principalmente no que diz respeito à caracterização do trabalho realizado nas creches e pré-escolas.

Diante deste contexto, ainda incluímos os “saberes periciais”, como explica Sarmiento (2004, p. 8): “Os saberes periciais sobre as crianças constituem-se como balizadores da inclusão e da exclusão na ‘normalidade’ e exprimem-se em procedimentos de inculcação comportamental,

disciplinar e normativa” que são constituídos em vários campos de conhecimento sobre a criança.

A relação família e creche e as produções sobre essa temática serão o foco deste artigo, que se propõe a apresentar as pesquisas que se dedicaram a este tema no período entre 2004 e 2009, publicadas nas bases de dados do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Scielo, Altavista, Lilacs e trabalhos apresentados na reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisadores em Educação (ANPED) e publicados no *homepage* no período.

## FAMÍLIA E CRECHE

Algumas pesquisas configuram-se pela investigação da relação entre família e creche. Neves (2004) estabelece a forma como se constrói essa relação – entre família e escola –, a partir das representações sociais que ambas têm de si e do outro sobre participação e atribuições de papéis. Essa pesquisa possibilita-nos compreender as explicações e os conceitos construídos pelos entrevistados, a partir de suas experiências cotidianas, revelando as representações sociais, como constituidoras de saberes que expressam determinada realidade social, com base nas estruturas cognitivas, afetivas e sociais desses indivíduos.

Já Lopes e Guimarães (2004) trazem como tema a relação entre instituições de Educação Infantil e as famílias, referindo-se ao quadro de desencontro geralmente presente entre ambas. Toda a análise realizada teve como suporte teórico as abordagens que consideram as inter-relações entre criança, família e Educação Infantil, além de referenciais que concebem a criança como sujeito de direitos; a família como uma construção histórica e social; a Educação Infantil como direito da criança; e o papel dos profissionais de Educação Infantil como distinto da família. Os resultados obtidos denunciam a escassez de estudos e publicações na área, além de traduzir as práticas de trabalho com as famílias, em geral, numa relação vertical e unilateral. Os autores verificaram também a falta de entendimento e clareza, por parte dos profissionais, da sua função na relação com a família; a importância de entender o estreitamento das relações com os pais como a garantia de um direito à criança e da necessidade de investimento na formação dos profissionais no aspecto da relação família e educação infantil.

Diante dos resultados apresentados por Lopes e Guimarães (2004), percebe-se que conhecer o que os pais/responsáveis sabem e entendem sobre a Educação Infantil pode auxiliar muito no processo de entendimento dos professores sobre suas funções de parceiros na educação dos pequenos.

Maranhão e Sarti (2007) limitaram-se a analisar o processo de interação entre pais e creche no processo de compartilhar os cuidados na primeira infância. A coleta de dados foi feita a partir de técnicas de observação, entrevistas e análise de documentos e os resultados evidenciam os conflitos entre esses atores sociais nos cuidados, principalmente, com a alimentação e a higiene. As autoras ainda ressaltam que, além do preparo técnico, a tarefa de compartilhar cuidados demanda dos profissionais a formação no sentido da disposição para escutar as crianças e as suas famílias em sua alteridade.

Escutar as famílias num processo de conhecer o que elas sabem, tanto sobre os cuidados quanto sobre as atividades pedagógicas, a rotina e o tempo da creche, parece ser uma questão a ser mais explorada nas pesquisas sobre Educação Infantil.

Maranhão e Sarti (2008) analisam as relações entre famílias e profissionais que se desenvolvem no cuidado compartilhado das crianças, buscando apreender o ponto de vista dos sujeitos envolvidos no cuidado infantil. Observou-se que, apesar de esforços de profissionais para interagir com as famílias, há evidentes dificuldades na interação, devido a distintos pontos de vista. E como mostraram as análises da observação, conflitos não explicitados nem refletidos podem comprometer o cuidado da criança, que vivencia e percebe quando as diferenças entre a creche e a família são focos de tensão.

Os focos de tensão são fortemente reforçados por pais que não sabem o que acontece dentro da creche e por profissionais que desconhecem o que realmente a família sabe sobre a instituição e os seus afazeres diários. Desta forma, ressalta-se a importância de estudos que se dediquem sobre o que a família sabe sobre o dia a dia do seu filho na creche.

Farache (2007), a partir de uma pesquisa ação, descreve e reflete sobre a construção/sistematização de uma relação entre família e instituição de Educação Infantil em prol do compartilhamento das ações de cuidado e educação das crianças. A experiência descrita

ênfata a relevância de uma práxis participativa no interior da instituição, para que o trabalho da mesma possa propiciar esse compartilhamento com as famílias, a partir de atividades como reuniões, palestras, oficinas, participação em projetos didáticos, exposições abertas à comunidade, festas comemorativas e valorização da cultura local, dentre outras oportunidades de diálogo e interação entre a instituição educativa e as famílias.

Já Seabra (2007), dentro do universo da temática relação família e creche, restringiu sua investigação aos diversos aspectos do envolvimento paterno com seus filhos, inclusive a sua participação na creche. Foram utilizadas entrevistas, aplicação do instrumento Estilo Paterno e análise da participação paterna em eventos e atividades escolares, com o intuito de investigar o nível de satisfação paterno e materno com o envolvimento do pai com os filhos e identificando em que aspectos essa participação é mais ou menos frequente nos cuidados cotidianos, incluindo a escola. Os resultados encontrados indicam que os pais se mostram cada vez mais disponíveis para o engajamento nas diversas atividades diárias, além do entretenimento. Na creche, há uma tendência de maior participação paterna quanto menor a idade do filho e enquanto não prevalecem os aspectos pedagógicos.

Ao que se refere às menores idades dentro de uma creche, Melo (2008) focou o trabalho com os bebês. Pesquisou sobre a natureza da interação diária dos pais e professores de crianças de 4 meses a 1 ano e 5 meses que frequentam, em período integral, uma unidade de Educação Infantil, utilizando-se de dois instrumentos: a planilha de observações de encontros entre pais e professores e a escala de bem-estar. Para a autora, as pesquisas mostram que a relação família-escola é permeada por tensões e sentimentos ambivalentes, que as relações de confiança que crianças e famílias estabelecem com a escola estão associadas com níveis altos de bem-estar da criança, sendo que confiança e comunicação são elementos essenciais para a parceria entre família e escola. Em sua pesquisa, os resultados indicam que há interação entre pais e professoras por meio de comunicação restrita, geralmente sobre a criança, seus cuidados pessoais. Há pouca iniciativa por parte das professoras para a interação, e a falta de cumprimento persistiu ao longo da coleta de dados. Quando há iniciativa, as professoras têm atitude receptiva e os pais atitude

ativa nas trocas. A autora, ainda, conclui que este padrão não corresponde ao modelo indicado pela literatura de envolvimento de pais que diz em que é da escola a responsabilidade de estimular e favorecer a relação de parceria.

Por isso, que investigar o que a família sabe sobre as atividades da creche é evidenciar também os mecanismos de comunicação entre pais e instituição do ponto de vista da própria família.

Pesquisando as crianças maiores, Mondin (2006) focou as interações de crianças pré-escolares nos contextos familiares e pré-escolares. Fornecer uma rede de apoio para repensar a efetividade do lar como um contexto em que haja a identificação precoce e o tratamento de problemas sociais e emocionais de pais e crianças constituiu-se o imperativo de maior importância para a autora. Para tal, utilizaram-se observações diretas das crianças no ambiente escolar e entrevistas com os pais, que permitiram constatar as relações interpessoais dos filhos no ambiente familiar. A análise de dados resultantes desses instrumentos utilizados, com base em uma revisão literária, ofereceu pistas para a discussão e as conclusões a respeito de propostas educacionais da Educação Infantil que favoreçam o desenvolvimento da criança nos microssistemas familiar e pré-escolar.

Barbosa (2007) estabelece uma articulação entre os impasses na escolarização das crianças e as contribuições acerca das culturas de infâncias, das culturas familiares e das culturas escolares na atualidade. A autora verifica as novas dimensões de ser criança e viver a infância neste momento histórico, repensando a socialização escolar a partir do entrecruzamento das culturas escolares, consideradas legítimas, e suas relações com algumas culturas familiares e infantis consideradas, até hoje, ilegítimas pela escola. O estudo conclui que conhecer as culturas das infâncias e as culturas familiares possibilita ampliar a compreensão sobre as crianças e possibilita a construção de um projeto de escolarização que valorize as culturas escolares, as culturas da infância e as famílias na sociedade contemporânea.

### **ESCOLA, FAMÍLIA E GÊNERO**

Carvalho (2000, 2004, 2006, 2007) pesquisa a relação escola-família e suas implicações de gênero, argumentando que a política educacional, o currículo e a prática pedagógica articulam os

trabalhos educacionais realizados pela escola e pela família, segundo um modelo de família e um papel parental ideal e com base nas divisões de sexo e gênero, subordinando a família à escola e sobrecarregando as mães, o que perpetua a iniquidade de gênero. Esse retrato da mãe responsável pela vida escolar da criança também é percebido em nossa pesquisa, quando apenas as mães participaram das entrevistas.

Em trabalho específico (2004), registra essa relação pelo viés do dever de casa e o considera como uma política-prática educativa, curricular e pedagógica, que estrutura as interações e a divisão de trabalho educacional entre escola e família, apontando suas implicações para a família e as mães, e ressaltando questões de gênero, equidade e pluralidade cultural.

Considerando o dever de casa, Resende (2008) investigou as práticas e as concepções relativas ao dever de casa, em camadas populares e nas camadas médias, buscando desvelar aspectos do processo educacional referentes às relações família-escola e ao currículo escolar. O dever de casa permeia o cotidiano das famílias, redefinindo, em certa medida, o lar como uma extensão da sala de aula e constituindo, para alguns autores, o principal meio de interação família-escola. Os participantes da pesquisa foram professores, alunos e pais de três turmas de 3ª série do Ensino Fundamental de duas escolas privadas e uma pública. A análise dos dados revelou: (a) um consenso entre as famílias investigadas quanto à importância dos deveres de casa e quanto ao acompanhamento pelos pais do aluno; (b) as desigualdades de condições familiares para esse acompanhamento, bem como as desigualdades de ofertas educacionais das escolas.

### **PAIS E PROFESSORES: SUAS CONCEPÇÕES E CRENÇAS**

Uma parcela significativa das pesquisas encontradas diz respeito às concepções e às crenças das famílias. Moro (2004) investigou as crenças das mães, usuárias e não usuárias do sistema público de creches, sobre o sistema público de Educação Infantil. A pesquisa contribuiu para o conhecimento de alguns aspectos próprios da realidade das mães de camadas populares do município pesquisado e das concepções, dos valores e das crenças que elas têm e compartilham sobre a educação da

criança pequena. Os dados obtidos indicam que, nas concepções de mães usuárias e não usuárias, surgem diferenças, no que diz respeito ao contexto de cuidado e de educação coletiva de crianças – a creche. Pode-se perceber que existe um entendimento mais positivo deste modelo pelas mães que estão fazendo uso dele neste momento histórico. Há, por parte destas, o reconhecimento de alguns aspectos favoráveis ao desenvolvimento das crianças no espaço da creche.

Nesta pesquisa, por meio das entrevistas, as mães usuárias apenas conseguem reconhecer como positivo ao desenvolvimento da sua criança o tempo e as atividades da creche, mas não especificam o que as crianças fazem, como e por quê. Desenvolver um instrumento de coleta que capte também essas questões seria fundamental para entendermos um pouco mais sobre a relação entre famílias e creche.

Gomes (2004) torna visíveis as crenças e os valores de mães e de professoras sobre objetivos na educação de crianças, estratégias educacionais, concepção de criança, avaliação da eficiência de si e do outro. A análise evidenciou crenças e valores de mães e professoras sobre: objetivos na educação das crianças; objetivos educacionais; estratégias educacionais; concepções de crianças; avaliação da eficiência de si mesmo e do outro; diferenças de classe, gênero, raça; e definições de objetivos educacionais.

Já Oliveira (2009) trabalha com a Teoria das Representações Sociais e pesquisa a representação dos pais sobre o trabalho dos professores dos Centros de Educação Infantil urbanos da Cidade de Chapecó. Participaram 90 pais das turmas do berçário, maternal e pré-escola. A pesquisa aconteceu em duas etapas: questionário e entrevistas individuais. A análise fornece os seguintes resultados na representação do professor: predominam elementos de afetividade e de responsabilidade como os mais apropriados para responder às demandas da criança. Alguns pais (participantes da pesquisa) ressaltam com muita ênfase os aspectos de formação e capacitação.

Guimarães e Costa (2005) expuseram o recorte de uma pesquisa mais ampla sobre a melhoria na qualidade do atendimento infantil. Essa visou compreender o processo de estruturação e fortalecimento da parceria família-creche a partir das concepções de educadoras e

pais, visando à melhoria da qualidade do desenvolvimento e da aprendizagem da criança no contexto educacional. Os resultados parciais revelaram que as educadoras, apesar da pouca formação, têm consciência do que é necessário numa creche para oferecer uma educação de qualidade. Em relação aos pais, manifestaram o desejo em estarem mais presentes nas atividades da creche.

Por outro lado, Bhering e Sarkis (2007) investigaram a visão sobre Educação Infantil e os sentimentos vividos pelos pais na inserção de seus filhos na creche. Os resultados apontam que todos os pais entrevistados mencionaram os aspectos práticos, racionais e emocionais sobre a decisão de colocar seus filhos na creche. Mesmo diante da insegurança em compartilhar com o desconhecido a intensa tarefa de educar e cuidar de seus filhos, os pais apontam que a instituição de Educação Infantil é um espaço importante e adequado para as crianças pequenas. E quando se trata da separação dos filhos bebês, há claramente uma mistura de sentimentos, acompanhada de muito sofrimento e vivências difíceis de enfrentar. Encontrar uma instituição que atenda às expectativas dos pais traz sensações positivas. O que encontram na instituição no período de inserção dos bebês pode intensificar o que estão vivendo, afetando não só a dinâmica familiar, mas também a relação com a escola e, principalmente, com os professores.

Será que a insegurança dos pais poderia ser amenizada se conhecessem o que acontece dentro da instituição enquanto seu filho permanece lá? Será que os pais sabem o que acontece na creche? Será que conseguiriam descrever as atividades, a rotina e os demais afazeres? Parecem-nos questões importantes, que contribuirão muito com essa educação institucionalizada.

Ainda tendo como foco os bebês dentro das instituições de Educação Infantil, Melchiori, Biasoli-Alves, Souza e Bugliani (2007) verificam o julgamento de mães e educadoras sobre os fatores que influenciam o temperamento e o desempenho dos bebês. Os resultados mostram pouca diferença entre mães e professoras; a grande maioria apresenta crenças ambientalistas e quem mais exerceria influência sobre os bebês seriam os pais.

Já Abuchaim (2006) pesquisou como as pessoas adultas, tanto na família como na escola, percebem as atribuições dos dois grupos concernentes à educação da criança e a relação

que mantêm entre si. Os resultados indicam que, apesar de eventuais conflitos, família e escola mantêm uma relação positiva, com espaço para o diálogo e para as novas aprendizagens. A participação dos pais e mães no ambiente escolar varia conforme as condições das famílias (econômicas, sociais, intelectuais e emocionais), bem como as possibilidades de participação oferecidas pela escola. Os sujeitos acreditam que a família deve se responsabilizar pela educação moral e afetiva da criança, e que a escola de Educação Infantil tem a função de complementar esses aspectos, além de promover a socialização e o aprendizado cognitivo.

Como enfatizar essa educação compartilhada entre pais e creche se conhecemos pouco sobre a imagem da Educação Infantil para as famílias? Ao que parece, precisamos investigar o que sabem as famílias, para podermos agir com maior eficiência sobre o que representa a creche e as atividades pedagógicas desenvolvidas na instituição com as crianças.

Araújo (2006) defendeu o estudo sobre os sentidos e os significados de infância, família e creche atribuídos por educadoras e familiares de crianças atendidas por uma creche filantrópica. No processo de investigação, sentido e significado foram analisados ao mesmo tempo, na busca de compreender o movimento dialético entre os dois pares conceituais. Privilegiou-se, porém, a análise dos significados, para possibilitar a comparação entre os dois grupos de interlocução: familiares e educadoras. Verificou-se que as famílias constroem e reconstróem sua compreensão de mundo e de si mesmas, influenciando-se mutuamente, na medida em que se articulam para a satisfação das necessidades individuais e do grupo. Sua inserção, por meio da criança, no ambiente educativo da creche provoca no grupo social a construção de sentidos e significados permeados por conflitos e tensões.

Em contrapartida, João (2007) deu voz às crianças e, em sua pesquisa, teve como objetivo compreender os sentidos e as significações da Educação Infantil para os pais, professores e crianças, considerando-as (co)produtoras de cultura, sujeitos ativos e também protagonistas na construção da sua história. Percebeu-se claramente o quanto o conceito de qualidade na Educação Infantil é visto de forma distinta por estes diferentes grupos. Para as professoras, ele passa diretamente pelos momentos de pensar e organizar as questões estruturais que são

facilitadoras do processo educacional. Para as famílias, ele está relacionado à proteção, à provisão e à “educação” como enquadramento social das crianças, ou seja, nos resultados, esperados por eles, da educação dos seus filhos. Já para as crianças, qualidade é sinônimo de prazer, prazer em aprender, em estar junto, em brincar, em comer, demonstrando pouca preocupação com a estrutura ou com o resultado, mas diretamente com o processo diário vivido por elas no interior das instituições. O autor evidenciou ainda que, oportunizar a escuta das vozes das crianças, pais e professores para que revelem seus saberes, ideias e expectativas acerca de um atendimento de qualidade na Educação Infantil coloca-se como primeiro passo para que se oportunize a construção de relações de diálogo entre essas duas instâncias (creche e família), o que se estabeleceu como essencial para a construção de uma Educação Infantil de qualidade.

A mesma necessidade é percebida quando o assunto são as atividades pedagógicas, a rotina e o tempo dentro da creche. Os professores conseguem explicitar bem o que fazem dentro da instituição. E a família, saberia dizer o que seus filhos fazem durante o dia inteiro na creche?

Santos (2007), em dados apoiados em uma revisão bibliográfica, investigou o que pais e educadores pensam sobre o trabalho cotidiano da creche, tendo como foco a rotina, a relação creche-família, a participação dos pais e a percepção do que seja um trabalho de qualidade na Educação Infantil. A pesquisa aponta duas representações: a família como referência de um modelo idealizado; a creche como um modelo padronizado de trabalho, tendo como base a rotina, disciplinando tempos, espaços e pessoas. Apesar dos conflitos entre os adultos, da desigualdade na relação entre educadores e pais e de outras dificuldades, abrir-se para um diálogo cotidiano pode ser um caminho para a creche buscar o melhor para o sujeito de suas ações e intenções: a criança.

Destacando as rotinas institucionalizadas, Andrade (2007), utilizando-se do estudo de caso do tipo etnográfico, analisou as percepções das professoras, das crianças e de suas famílias acerca da rotina na pré-escola e dos fatores que presidem a sua organização. A escuta das professoras constatou que: dos componentes que constituem a rotina, apenas a “tarefa” é compreendida como pedagógica; a sala de aula é

o espaço físico concebido como privilegiado para o desenvolvimento das atividades e para as aprendizagens das crianças; com exceção da ampliação do tempo destinado à “tarefa”, a rotina não precisa de alterações, pois todos, notadamente as crianças, estão satisfeitos com ela. Na perspectiva das famílias, o item preferido da rotina é a “tarefa”, principalmente aquela que envolve escrita e leitura; a sala de aula é o local mais apropriado para as crianças aprenderem; a redução do tempo destinado à brincadeira em benefício da “tarefa” tornaria a rotina ainda melhor. Para as crianças, a rotina é marcada pela repetição da mesma atividade (“tarefa”) da qual não gostam; para ficar “legal” precisaria incluir a brincadeira. A comparação das falas destes sujeitos aponta muita semelhança entre o que pensam pais e professoras. No entanto é grande a diferença entre as opiniões dos adultos e das crianças sobre a escola e as atividades. A valorização dos conhecimentos, dos sentimentos e das aspirações de seus diferentes sujeitos - professoras, famílias e crianças - é outro aspecto imprescindível à construção de uma Educação Infantil de qualidade, a fim de que creches e pré-escolas possam realmente se constituir em cenário de aprendizagem, desenvolvimento e bem-estar para todos que nelas convivem.

Na pré-escola, as crianças de 4 a 6 anos já dispõem da comunicação verbal, externalizando à família o que acontece na instituição, o que fez, do que brincou, o que aprendeu. E com os bebês, como os pais sabem o que ele fez durante o dia na creche? E sabem realmente o que acontece? Novamente perguntas que se fazem importantes quando nos referimos à relação da família e creche.

A rotina agora se limita à de cuidados com Bógus, Nogueira-Martins, Moraes e Taddei (2007), que apresentaram um estudo com a aplicação da técnica do grupo focal, o qual teve como objetivo primeiro conhecer as percepções de mães de crianças de zero a dois anos sobre os cuidados desenvolvidos pelas creches frequentadas por seus filhos; e conhecer as percepções das educadoras sobre o seu papel nos cuidados oferecidos às crianças e às suas famílias. Os resultados quanto às percepções das mães dizem que, por se considerarem privilegiadas em terem acesso às creches, apresentam baixa exigência com relação aos cuidados prestados. O que mais valorizam são os aspectos relacionados com alimentação, higiene e administração de

medicamentos. Quanto às educadoras, há grandes limitações quanto às suas condições de trabalho, principalmente no que diz respeito ao pequeno número de profissionais. A relação educadora-família é ambígua: as educadoras ora consideram as mães omissas e irresponsáveis ora as consideram carentes e necessitadas de ajuda.

### A FAMÍLIA COMO CORRESPONSÁVEL

Outra vertente das pesquisas que buscam compreender a relação família e Educação Infantil é a que vê a família como corresponsável pelo sucesso da criança na sua vida escolar. Silva (2004) investigou quais são as práticas e as estratégias engendradas pelos grupos familiares responsáveis pela criação de disposições favoráveis ao sucesso escolar em História. Os resultados apontam para a importância do papel que as famílias das camadas populares exercem no desenvolvimento do raciocínio histórico nas crianças, relacionado, em especial, a dois fatores: o uso racional do tempo e o cultivo e a transmissão da memória familiar. Estes se constituem em elementos facilitadores do processo de desenvolvimento da noção de temporalidade histórica e da construção do sentido do passado nas crianças quando acionados pela escola.

Já Almeida (2005) explora essa temática, demonstrando a corresponsabilidade entre escola e família na construção da aprendizagem na Educação Infantil. Essa reflexão favoreceu conjugar – a partir da rápida incursão das considerações históricas sobre a infância, sobre a formação da família brasileira – a sua participação na vida escolar dos seus filhos com a atual política a respeito da Educação Infantil.

E Polonia e Dessen (2005) apresentaram, em artigo teórico, algumas reflexões sobre o envolvimento da família com a escola e o seu impacto sobre a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. Enfatizaram, ao final, que há necessidade de uma integração mais efetiva entre a família e a escola, respeitando as peculiaridades de cada segmento e da implementação de pesquisas que levem em conta as inter-relações entre os dois contextos.

Montandom (2005) mostra o quanto é importante estudar a experiência das crianças e os seus pontos de vista para compreendermos os diferentes fenômenos sociais que lhes dizem respeito. E traz duas pesquisas para apoiar sua

abordagem: a primeira, e que nos interessa, diz respeito à experiência que as crianças têm de sua educação no âmbito familiar e escolar, traduzindo as práticas familiares responsáveis pelo sucesso escolar. Os resultados mostram que as práticas educativas dos pais são muito diferentes, não existe um modelo único e os pais sempre fazem prova de autoridade. Os efeitos das práticas educativas dos pais sobre as crianças não são evidentes e não se pode dizer de maneira absoluta que este ou aquele estilo educativo é melhor ou produz bons resultados. O ponto de vista das crianças traz elementos indispensáveis à compreensão de sua experiência e é importante levá-los em consideração, pois o ponto de vista das crianças levanta questões metodológicas. As pesquisas continuam mostrando que a educação autoritária não é a mais positiva – pelo menos, hoje em dia, quando a sociedade exige flexibilidade e espírito crítico de seus membros.

Já Schweder (2008) partiu do pressuposto de que quanto maior o controle familiar, maior seria o desempenho escolar das crianças pertencentes à camada popular. Utiliza-se da abordagem sociológica sobre os modos de controles adotados por famílias das camadas populares e as relações entre os tipos de famílias, seus modos de controle e rendimento escolar. Foram realizadas observações em 21 distintos contextos familiares, entrevistas semiestruturadas com os pais ou os responsáveis do grupo familiar e análise nos históricos escolares de cada criança da amostra da pesquisa. Identificaram-se mobilizações para o êxito escolar, conquanto pouco rentável; distintos modos de controle num mesmo contexto familiar e práticas socializadoras muito restritas a cada família das camadas populares.

E ainda nessa perspectiva, Vequi (2008) pesquisou como a educação familiar pode interferir na melhoria do processo educativo, analisando a colaboração e a participação entre escola e família nas dimensões: afetiva, cognitiva e de socialização. Portanto o problema deste estudo buscou soluções de como os profissionais da educação podem, em conjunto com pais e mães, incentivar os alunos a alcançarem melhores rendimentos. Os resultados apontam que profissionais da educação percebem a necessidade de uma disciplina de caráter obrigatório que aborde o tema da educação familiar e também estão cientes de que pais e mães precisam de um programa de orientação sobre a educação e a formação de seus filhos, demonstrando

preocupação em promover a interação entre escola e família.

Com foco nas práticas de cuidado e educação das crianças pequenas no contexto familiar, Albuquerque (2009) analisa como alguns grupos de famílias estruturam suas práticas e lógicas de cuidado/educação das crianças pequenas. Com a pesquisa de cunho etnográfico pode-se compreender a educação das crianças a partir de duas dimensões: socialização e cuidado. As lógicas dessa educação emergem de princípios subjetivos, que são construídos a partir da historicidade dos responsáveis pela educação das crianças.

### **FAMÍLIA E EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FATOR DE QUALIDADE**

A relação família e Educação Infantil como fator de qualidade é o centro das investigações de vários pesquisadores.

Chaves (2004) buscou identificar se a relação entre as famílias e um Jardim de Infância Público do Distrito Federal indica a complementaridade necessária para uma Educação Infantil de qualidade. Observou-se que a relação entre as famílias e as instituições de Educação Infantil está relacionada às mudanças sociais em curso e também ao impacto que a interconexão entre os dois ambientes provoca no desenvolvimento da criança. Os resultados demonstraram que a relação entre as famílias e o Jardim de Infância é uma relação de proximidade, respeito mútuo e envolvimento afetivo. Entretanto a relação percebida não pode ser definida como complementar no sentido de parceria, envolvimento recíproco, corresponsabilidade e comunicação bidirecional na condução de um projeto formativo integrado a favor das crianças, das famílias e dos profissionais. Conclui-se que a qualidade das relações entre as famílias e as instituições de Educação Infantil constitui-se, ao mesmo tempo, em fator imprescindível de qualidade na Educação Infantil, tanto quanto um desafio à sociedade e aos sistemas de ensino público e privado nos diferentes âmbitos de atuação.

### **AÇÕES E ESTRATÉGIAS NA RELAÇÃO ENTRE PAIS E INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL**



Farache (2004), Martinez (2005) e Beira (2006) trazem pesquisas que problematizam as ações elaboradas pelas instituições para contribuir com a relação família e escola.

A primeira reflete sobre estratégias realizadas pela escola que possam contribuir para o fortalecimento da relação desta instituição com a família do aluno.

A segunda buscou identificar as formas de interação e apontar as ações pedagógicas que são oferecidas pelas escolas da Educação Infantil, enfocando a participação dos pais. Os resultados apontam para um registro de participação dos pais na Associação de Pais e Mestres, na gestão e reunião de pais em que ocorrem conversas sobre o desenvolvimento acadêmico dos filhos, como o principal modo de participação da família na escola. Embora com um discurso oficial para a participação de pais, em múltiplos momentos na escola, o que prevalece são as ações relacionadas à reunião de pais ou aos encontros individuais para falar sobre o desenvolvimento do filho. Um diálogo frequente com pais, criando um ambiente receptivo para o processo de participação democrática, ainda parece ser um objetivo a alcançar.

A pesquisa dos autores avaliou, ainda, um programa de participação de mães e pais em uma instituição educacional em benefício do desenvolvimento da criança. Observou-se, diante dos dados, que há a necessidade dos pais em receberem apoio pessoal; manifestação de expectativas pessoais, antes de seu papel como mãe ou pai; valorização da oportunidade de desenvolver habilidades; bem como de discutir sobre diversos assuntos do seu dia a dia e a possibilidade de vislumbrarem novas chances de mudanças em sua vida decorrentes das novas experiências vividas. Ficou claro que o atendimento aos pais propiciou que, tanto direta como indiretamente, o relacionamento com os filhos fosse abordado e ressignificado em muitas ocasiões.

### **EXPECTATIVAS DA FAMÍLIA DIANTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Martins (2006) investigou as expectativas das famílias da zona rural em relação à educação antes da escolarização obrigatória e as experiências educativas de crianças no âmbito familiar e social. Os dados obtidos indicaram a presença de uma educação familiar calcada na disciplina para a

obediência nos primeiros anos de vida, sinalizando que os cuidados e a educação da criança de zero a quatro anos ocorrem exclusivamente no âmbito das famílias, tendo preferencialmente a mãe como a principal cuidadora. A maioria das famílias informantes de pesquisa, apesar de desconhecer os direitos legais relativos à educação das crianças antes da escolarização obrigatória, revelou ter conhecimento acerca da existência da alternativa de serviços públicos para compartilhar a educação dos filhos nos primeiros anos de vida. Nesse sentido, as famílias demonstraram ter expectativas em relação a serviços de educação pública em creches, ora como equipamento de liberação da mãe para o trabalho, ora reconhecendo tais instituições como espaço educativo para as crianças em período parcial.

Muniz (2007) analisou a inter-relação das práticas educativas de determinada entidade com as expectativas das famílias cujos filhos são por ela atendidos, utilizando-se de observações participantes e entrevistas com a equipe e as famílias. A pesquisa leva à reflexão sobre a inter-relação das práticas educativas e as expectativas das famílias, na qual surge a questão do trabalho como categoria contraditória na medida em que ele assume significados diferentes para as famílias e para a entidade.

Retornamos às questões que emergem destas pesquisas: a família sabe o que acontece, como acontece e por que acontece determinada atividade ou ação dentro da creche? O que os pais sabem realmente sobre a instituição de Educação Infantil?

E Lemes (2007) investigou, por meio das expectativas dos pais diante da Educação Infantil, a influência da herança cultural familiar na trajetória escolar da criança. A pesquisadora, em estudo de caso, analisou os pais de uma entidade privada, abordando as expectativas educacionais de famílias de classe média. Apoiada em algumas ideias básicas sobre a conexão entre capital cultural e as estratégias educacionais apresentadas por Bourdieu, trabalhou com a hipótese de que as diferentes categorias sociais são desigualmente predispostas a compreender e a valorizar a escolarização em geral, e que este fato está diretamente relacionado ao capital cultural familiar.

## ESCOLA E FAMÍLIA DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Silva (2006) descreveu os comportamentos emitidos por profissionais que trabalham na escola e familiares de crianças com deficiência, os quais, na perspectiva dos dois lados, são propiciadores e mantenedores de uma parceria colaborativa efetiva e bem sucedida. Por meio de reuniões com os grupos focais, as famílias e outros profissionais, registraram-se as seguintes categorias pelos grupos das famílias em relação a si próprios: comunicar-se com profissionais; ser responsável pela educação do filho; manter expectativas adequadas; aceitar a deficiência do filho; respeitar os profissionais. Por sua vez, as expectativas das famílias sobre a atuação dos profissionais foram: comunicar-se com familiares; comunicar-se com outros profissionais; ser amistoso; separar os problemas pessoais da atividade profissional; promover o desenvolvimento do aluno; estar atento aos problemas dos familiares e tentar resolvê-los; ajudar os familiares a manter expectativas adequadas; incorporar ao trabalho sugestões fornecidas pelos familiares; preocupar-se com o aluno fora da escola; oferecer grupos aos pais; respeitar os alunos e os familiares; oferecer orientações aos familiares. Por sua vez, os grupos dos profissionais levantaram as seguintes categorias em relação aos comportamentos que eles esperavam das famílias: comunicar-se com profissionais; reconhecer o trabalho dos profissionais; confiar no trabalho desenvolvido; ser responsável pela educação do filho; acreditar no desenvolvimento do filho; manter expectativas adequadas; questionar os profissionais de modo adequado; garantir a frequência do aluno à escola; visitar a escola; participar das atividades. Quanto à própria atuação, foram encontradas as seguintes categorias: comunicar-se com familiares; demonstrar seriedade; ser sincero; ser imparcial; respeitar os alunos e os familiares; conhecer as características dos familiares e dos alunos; incentivar a participação dos familiares; reunir-se com familiares; mostrar aos familiares as atividades realizadas; ajudar os familiares a manter expectativas adequadas.

Já Camarotti (2007) estudou a educação de surdos pela perspectiva da família. Utilizando entrevistas, a autora pôde constatar que as escolas frequentadas pelos surdos estão dentro da

proposta oralista, que considera o ouvinte como modelo ideal e, portanto, não procederam às modificações pertinentes para se adequar à necessidade de seus alunos. De um modo geral, os entrevistados relataram pouco sobre as condições dos surdos na escola, sugerindo comunicação insuficiente no núcleo familiar sobre esse processo. Registra, ainda, que a qualidade da escola foi, na maioria das vezes, avaliada pelas relações sociais, principalmente com professores. Além disso, as expectativas sobre a escola eram negativas, por exemplo, quanto a possíveis preconceitos. Na medida em que, na perspectiva dos familiares, essas expectativas não se realizaram, manifestaram satisfação com a escola ou conformidade. Quanto ao emprego atual dos conhecimentos adquiridos na escola, um dos entrevistados relatou que a vida do aluno surdo não se modificou quando saiu da escola, deixando perceber que essa instituição parece não ter feito nenhuma diferença para ele.

Na educação de surdos em escola regular, as famílias pouco conheciam sobre a relação do surdo dentro de sala e confirmavam a comunicação insuficiente. E dentro das creches, com crianças de 0 a 3 anos, que pouco ou quase nada dominam a linguagem verbal, o que as famílias poderiam nos falar sobre o tempo que essas crianças passam na instituição?

A análise das interconexões estabelecidas entre escola e família de crianças com baixo rendimento escolar no contexto do Regime de Progressão Continuada também foi foco de pesquisa. Marcondes (2006) investigou as concepções que os docentes, os responsáveis e as crianças apresentam sobre família, escola, baixo rendimento, Progressão Continuada e como se estabelecem as relações entre os dois contextos imprescindíveis para o desenvolvimento infantil. Os resultados obtidos revelaram que as famílias e os alunos valorizam a educação e se envolvem nesse processo. Quanto à comunicação, pode-se afirmar que a escola delimita os momentos e as formas como o diálogo deve ocorrer, assim como quais informações serão transmitidas. Pode-se concluir que a família e a escola não se concebem como instâncias que devem trabalhar em parceria para o benefício da criança.

## COLABORADORES NA TAREFA DE EDUCAR OS FILHOS

O trabalho de Moreira e Biasoli-Alves (2007) traz outra perspectiva, pesquisando quais pessoas/instituições colaboram com pais e mães na tarefa de educar seus filhos, pois cada vez mais as crianças são inseridas em instituições de Educação Infantil, o que significa terem as famílias colaborações e orientações na tarefa de educar os filhos. Os resultados revelam que uma importante colaboradora do processo educacional é a instituição de Educação Infantil/escola. A presença da babá/empregada doméstica é marcante, particularmente nos participantes nordestinos. E há ainda o apoio das avós.

Já o enfoque trazido por Stein (2008) é o trabalho de uma instituição de educação não-formal que atende às crianças no contra turno escolar. O objetivo foi abordar a aprendizagem construída num espaço de educação não-formal, não escolar, no qual o trabalho curricular é feito de forma alternativa. Nesta perspectiva, a pesquisa pontuou como ocorre o ensino não escolar, as atividades alternativas, a relação entre família, filhos e o campo de estudo e as suas perspectivas.

Em todas as pesquisas apresentadas foram utilizados determinados instrumentos de coleta de dados que se limitam, em sua maioria, em entrevista semiestruturada e estudo de caso. Constataram-se, com menos frequência, outros instrumentos, como: vídeo, análise documental e questionário com perguntas abertas.

Já os instrumentos citados na descrição das pesquisas foram encontrados somente nas mesmas. E outro ponto de importante destaque é que todas as entrevistas elaboradas com os pais foram feitas dentro do ambiente da instituição de Educação Infantil.

Observa-se que todos os estudos que tratam da relação família-creche carregam consigo a validade desta relação como indispensável para o desenvolvimento tanto da escola quanto das famílias, mas principalmente das crianças. Mas diante de todas as pesquisas já elaboradas e as que se fazem necessárias ainda, um ponto se torna fundamental na análise e na reflexão ao que se refere à relação família e creche: o que a creche comunica aos pais? Como os pais veem a creche em seu âmbito educativo? O que eles de fato conhecem sobre a instituição? O que sabem que seus filhos fazem lá? E como sabem?

Cada vez mais as creches estão assumindo as tarefas de socialização e atribuições básicas, antes delegadas exclusivamente à família. Nesta nova definição de papéis a parceria com a escola é um

desafio constante para definição de uma proposta pedagógica que respeite e interaja com a cultura familiar das crianças e de uma efetiva interlocução.

## REFERÊNCIAS

- ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. *Família e escola de educação infantil: companheiras de jornada*. 2006. 156p. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ALBUQUERQUE, Simone Santos de. *Para além do "isto" ou "aquilo": os sentidos da educação das crianças pequenas a partir das lógicas dos seus familiares*. 2009. 368p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- ALMEIDA, Eliana Bruno Ferreira de. *O significado de participação da família na vida escolar das crianças: construção de propostas de aproximação na educação infantil*. 2005. 107p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, Santos, 2005.
- ANDRADE, Rosimeire Costa de. *A rotina da pré-escola na visão das professoras, das crianças e de suas famílias*. 2007. 301p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ARAÚJO, Denise Silva. *Infância, família e creche: um estudo dos significados e sentidos atribuídos por pais e educadores de uma instituição filantrópica*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.
- BARBOSA, M.C.; *Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer dessas culturas*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, nº 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.
- BATISTA, R. *A rotina no dia a dia da creche: entre o proposto e o vivido*. Disponível: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/trosaba.PDF> Acesso em: 21/03/2011.
- BHERING, Eliane; SARKIS, Alessandra. *A inserção de crianças na creche: um estudo sobre a perspectiva dos pais*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3293-Res.pdf>. Acesso em: 30 maio 2009.
- BEIRA, Cristiane Maria Lenzi. *Pais na creche: o que se ensina e o que se aprende*. 2006. 146p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.
- BÓGUS, Cláudia Maria; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini; MORAES, Denise Ely Belloto de; TADDEI, José Augusto de Aguiar Carrazedo. *Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras*. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 20, nº 5, set./out. 2007.
- CAMAROTTI, Adriana Tonato. *Educação de surdos: a escola pela perspectiva da família*. 2007. 158p. Dissertação

(Mestrado em Educação), Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2007.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº 25, p. 94-104, jan./abr. 2004a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf>>. Acesso em: 06 junho 2009.

\_\_\_\_\_. Modos de educação, gênero e relações escola-família. *Cadernos de Pesquisa. Revista de Estudos e Pesquisa em Educação*, São Paulo, v.34, nº 121, p. 41-58, jan/abr.2004b.

\_\_\_\_\_. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Cadernos de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação*, São Paulo, nº 110, p. 143-156, jul.2000a. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/obras.asp?autor=CARVALHO,+MARIA+EULINA+PESSOA+DE>>. Acesso em: 06 junho 2009.

\_\_\_\_\_; BURITY, Marta Helena. Dever de Casa: uma questão problemática nas relações família-escola. *Temas em Educação*, v. 15, p. 107-118, 2006.

\_\_\_\_\_. Quais os limites na relação escola-família? Escola e Família: especificidades e limites. *Presente/Revista de Educação*/Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, Ceap - Salvador- Bahia, p. 30 – 33, 2007.

\_\_\_\_\_. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 110, julho 2000. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora Autores Associados, p. 143-155, 2000b.

\_\_\_\_\_. Cuidado compartilhado: negociações entre famílias e profissionais em uma creche. *Interface*, Botucatu, vol.11, nº. 22, p.257-270, ago. 2007.

CHAVES, Laura Cristina Peixoto. *Educação Infantil em contexto: a relação complementar família/instituição como fator de qualidade*. 2004. 143p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

FARACHE, Claudia da Silva. *A relação entre a família e a instituição de educação infantil: descrição reflexiva sobre uma experiência*. 2007. 225p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

FARACHE, Claudia da Silva. *Relação família e escola: desafios e possibilidades no contexto de uma instituição de educação infantil*. 2004. 157p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

GOMES, Rita de Cassia Oliveira. *Conversando com mães e professoras sobre as orquídeas e os girassóis da exclusão: Teorias subjetivas sobre práticas de educação e desenvolvimento infantil, em instituições Comunitárias*. 2004. 251p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

GUIMARÃES, Claudia Aparecida; COSTA, Lucia Helena F. M. *Promoção da qualidade na educação infantil na Região do Triângulo Mineiro: estruturação e fortalecimento da*

parceria família-creche. Disponível em: [http://www.propp.ufu.br/revistaeletronica/Edicao%202006\\_1/clauidiane.pdf](http://www.propp.ufu.br/revistaeletronica/Edicao%202006_1/clauidiane.pdf). Acesso em: 27 maio 2009.

JOÃO, Janaína da Silva. *Educação infantil para além do discurso da qualidade: sentidos e significações da educação infantil para pais, professores e crianças*. 2007. 98p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

LEMES, Aline Martins. *A expectativa dos pais diante da educação infantil: um estudo de caso*. 2007. 276p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2007.

LOPES, Cláudia Cristina Garcia Piffer. GUIMARÃES, Célia Maria. *A relação com as famílias na educação infantil: demandas de formação dos profissionais*. 2004. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/470\\_262.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/470_262.pdf)>. Acesso em: 06 junho 2009.

MARANHÃO, Damaris Gomes; SARTI, Cynthia Andersen. Creche e família: uma parceria necessária. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.38, nº133, jan./abr. 2008.

MARCONDES, Keila Hellen Barbato. *A relação entre a escola e a família de crianças com baixo rendimento escolar no contexto de progressão continuada*. 2006. 120p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

MARTINEZ, Sandra Lembo Fernandes. *Educação infantil: reflexões sobre a participação dos pais*. 2005. 79p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.

MARTINS, Rosimeri Koch. *Expectativas das famílias com crianças menores de quatro anos em relação à educação pública e às experiências educativas vividas por seus filhos: Um Estudo da Localidade Rural de São José, Município de Braço do Norte*. 2006. 143p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MELO, Alessandra Sarkis de. *A relação entre pais e professores de bebês: uma análise da natureza de seus encontros diários*. 2008. 160p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MELQUIORI, L.; BIASOLI-ALVES, Z.; SOUZA, D.; BUGLIANI, M. Família e creche: crenças a respeito de temperamento e desempenho de bebês. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.23, nº 3, p.245-252, jul-set 2007.

MONDIN, Elza Maria Canhetti. *Contexto e comportamento: definindo as interações na família e na pré-escola*. 2006. 237p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2006.

MONTANDOM, Cleopatre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. In: *Revista Educação e Sociedade*, vol. 26, nº 91, p.485-507. Campinas: CEDES, maio/ago. 2005.

MOREIRA, Lúcia V. C; BIASOLI-ALVES, Zélia M. M. As famílias e seus colaboradores na tarefa de educar os filhos.

*Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v.17, nº 1, p. 26-38, jan./mar. 2007.

MORO, Catarina de Souza. *As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches*. 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/t071.pdf>> Acesso em: 14 junho 2009.

MUNIZ, Tetis Mori. *Cada um na sua mas entre nós o problema: família, instituição e práticas educativas não-formais*. 2007. 190p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

NEVES, Naise Valéria Guimarães. *Instituição de educação infantil e família: limites e possibilidades de um projeto participativo*. 2004. 175p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica), Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2004.

OLIVEIRA, Luciana de. *As Representações Sociais sobre o trabalho da professora de educação infantil: um estudo com pais/responsáveis de crianças atendidas nos CEIMs urbanos de Chapecó*. 2009. 124p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2009.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v.9, nº 2, p. 303-312, jul./dez. 2005.

RESENDE, Tânia de Freitas. *Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa*. Paidéia, 2008, v.18(40), p.385-398.

SANTOS, Liliana Santoro. *Pais na creche: construindo relações no diálogo cotidiano*. 2007. 246p. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *As Culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. In: SARMENTO, M.J., CERISARA E A. B., (Coord.), *Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação*. Porto: Asa. 2004.

SCHWEDER, Schirley Sandra. *“É nossa função controlar”*. Estudo sobre os modos de controles familiares e sua relação com os rendimentos escolares nas camadas populares. ANPED Sul, 2008.

SEABRA, Karla da Costa. *A paternidade em famílias urbanas: análise da participação do pai na creche-escola e nos cuidados com os filhos*. 2007. 180p. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Aline Maira. *Buscando componentes da parceria colaborativa na escola entre família de crianças com deficiência e profissionais*. 2006. 122p. (Mestrado em Educação Especial), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

VEQUI, Vilmara Pereira. *Educação familiar [manuscrito]: colaboração e participação entre escola e família nas dimensões afetiva, cognitiva e de socialização*. 2008. 178p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008.

**Endereço para correspondência:** Universidade do Vale do Itajaí, Mestrado Em Educação - Rua Uruguai, 458 – Centro – CEP: 88302-202 - Itajaí, SC.